



OITAVAS DE FINAL



X



Maior jogador da história da Noruega, o carrasco do Brasil chega ao sétimo gol na Copa e se iguala ao francês Mbappé e ao argentino Messi na disputa dos goleadores

Haaland na tripla artilharia

O atacante Erling Haaland, com uma cabeçada mortal e um chute rasteiro de fora da área, selou a pior participação brasileira em Mundiais desde a edição de 1990, quando a Seleção também caiu nas oitavas. Os noruegueses vão enfrentar, no próximo sábado, o vencedor do duelo entre México e Inglaterra, que se enfrentaram na noite de ontem, no Estádio Azteca. O jogo começou às 22h (de Brasília) — 60 minutos depois do horário previsto pela Fifa, por causa da chuva forte que caiu sobre a capital mexicana, e não havia terminado até o fechamento desta edição.

A chegada avassaladora de Haaland e companhia, marcando o retorno da Noruega à Copa do Mundo pela primeira vez desde 1998, frustrou os sonhos da geração de Vinicius Junior e Endrick de trazer para casa um título que o Brasil não conquistou desde 2002. O craque norueguês afirmou que sua capacidade de converter as poucas chances que recebe é um “dom de Deus”.

“Acho que estou começando a perceber que é um presente de Deus a bola entrar perfeitamente, bem rente à trave. É incrível. Se eu tiver uma ou duas chances, geralmente elas acabam em gol. Não sei como faço isso, mas é assim que funciona. O segredo é manter o foco. Digo a mim mesmo que a chance vai aparecer”, explicou Haaland após a partida.

Com os dois gols de ontem, o camisa 9 da Noruega alcançou o francês Kylian Mbappé e o argentino Lionel Messi na artilharia da Copa do Mundo — os três têm sete gols. Haaland descreveu a vitória sobre o Brasil como “a melhor partida da história da Noruega” e um momento que pode ser um divisor de águas para o futebol do país.

“Espero que todos os jovens que assistirem a esta entrevista, quando

forem um pouco mais velhos, e sintam que jogar pela Noruega é o que lhes dará o maior orgulho em toda a sua vida”, declarou.

Estrela de Nyland

Ao lado de Erling Haaland, o outro herói da seleção da Noruega que venceu o Brasil por 2 a 1 nas oitavas de final da Copa do Mundo de 2026 neste domingo (5) foi o goleiro Orjan Nyland, que defendeu um pênalti cobrado por Bruno Guimarães quando o placar estava empatado em 0 X 0: “Fizemos um pouco de história”.

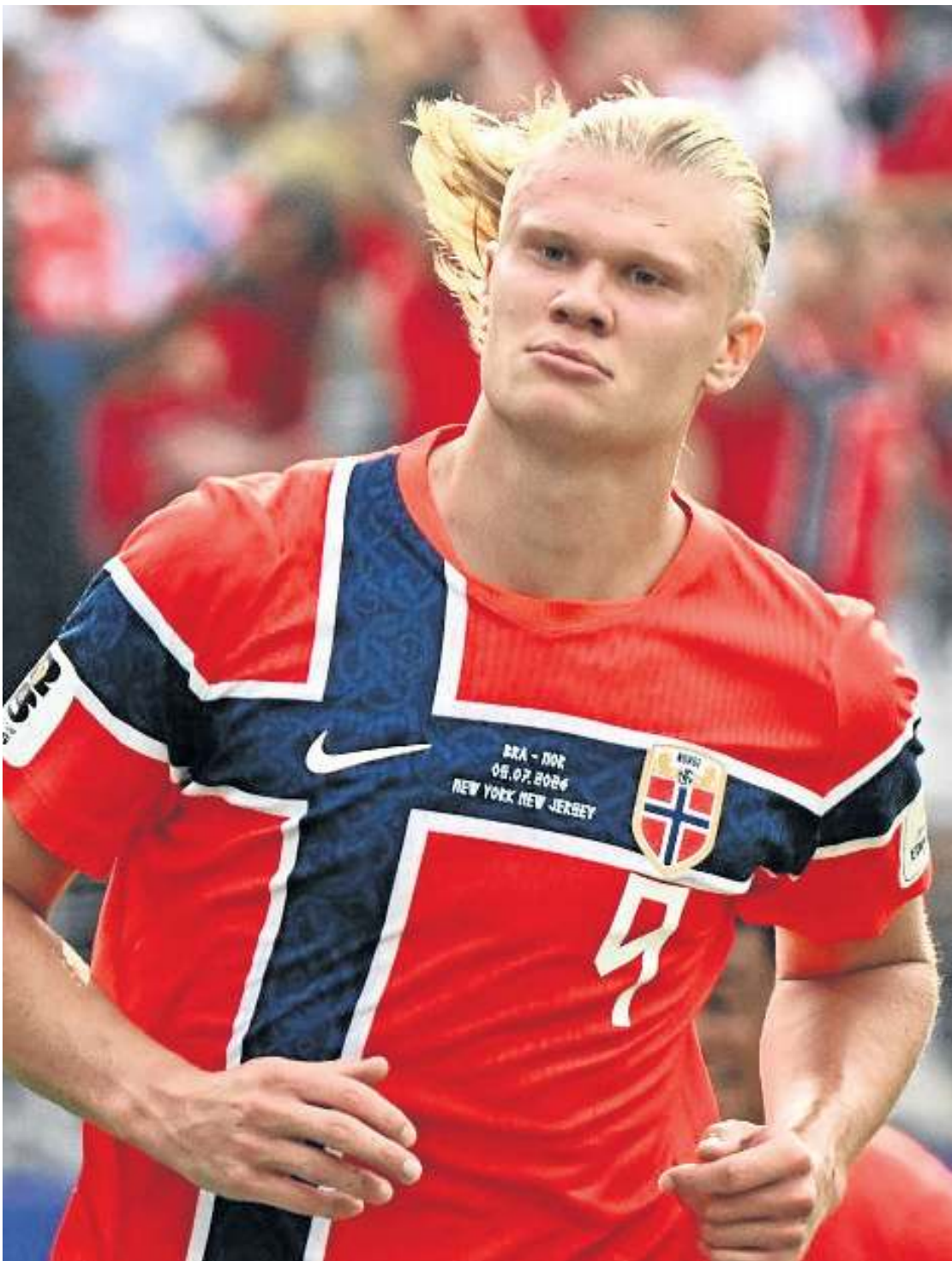
“Sabíamos que o Brasil tem uma enorme qualidade no ataque e também jogadores que podem sair do banco. Acho que o mais importante é simplesmente nos prepararmos de maneira normal”, disse Nyland, que atualmente está sem clube.

“Obviamente, quando você consegue defender um pênalti logo no início, fica muito difícil vencer você. Foi um grande momento para mim, mas também para a equipe, para nos dar um pouco de tranquilidade”, acrescentou o goleiro sobre sua defesa decisiva. “Foi um grande esforço coletivo, então estamos muito felizes hoje”.

No segundo tempo, dois gols de Haaland selaram o pior desempenho do Brasil em Copas do Mundo desde a edição de 1990, quando a Seleção também foi eliminada nas oitavas de final, e o melhor da Noruega, que avança pela primeira vez às quartas.

“Escrevemos um pouco de história, então espero que muitas crianças na Noruega possam reviver esse momento quando saírem para jogar futebol e sonhar que, um dia, estarão na mesma posição que eu, que é possível alcançar isso, não importa de onde você venha”, acrescentou Nyland, de 35 anos, que fez várias defesas decisivas.

Jewel Samad/AFP



Autor dos gols que eliminaram o Brasil, Haaland quer inspirar as crianças de seu país: “Maior orgulho da vida”

Noruegueses tomam as ruas de Oslo: “Milagre”

Milhares de pessoas se reuniram ao redor do palácio real de Oslo, na noite de ontem, para comemorar “o milagre” da vitória da Noruega por 2 a 1 sobre o Brasil nas oitavas de final da Copa do Mundo, em uma festa que atravessou a madrugada.

Graças a dois gols de Erling Haaland, o país escandinavo se classificou para as quartas de final do Mundial pela primeira vez na história da competição.

“Agora tudo pode acontecer”, escreveu o tabloide VG, que definiu a vitória como um “milagre”. “Aleluia!”, colocou em sua capa o portal *Aftenposten*, para

acrescentar: “Mandamos o Brasil para casa”.

“A aventura do futebol norueguês aponta diretamente para as estrelas”, acrescenta a publicação.

“O impensável aconteceu”, comemorou o jornal *Dagbladet*. “Não é que a Noruega tenha derrotado o Brasil — de fato, nunca perdemos para eles —, mas sim que a Noruega dominou o Brasil”. O *Dagbladet* fez referência ao fato de a Noruega ter ficado mais com a bola do que o Brasil, que teve apenas 35% da posse.

Em Oslo, cerca de 100 mil pessoas se reuniram para comemorar a vitória, de acordo com

imagens da emissora de TV pública NRK. “É uma loucura”, reagiu um torcedor com um capacete viking, marca registrada dos noruegueses. “Eu jamais teria acreditado que isso seria possível”, disse outro torcedor em uma transmissão ao vivo.

Algumas pessoas, incluindo o príncipe herdeiro Haakon, que participou brevemente das comemorações espontâneas, divertiam-se executando a agora famosa remada viking. Esse grito serve como uma manifestação de união para os torcedores noruegueses, e vídeos da prática da comemoração viralizaram nas redes sociais.



População faz festa em Praia no retorno dos Tubarões Azuis

Milhares de torcedores receberam com festa a seleção de Cabo Verde, que desembarcou, ontem, em Praia, depois de ter sido uma das sensações da Copa do Mundo de 2026, chegando a fazer tremer até o final da prorrogação a Argentina de Lionel Messi na fase de 16-avos de final.

A primeira parada das comemorações foi no aeroporto, ponto de partida do trajeto do ônibus da equipe, que percorreu diversos bairros da capital em um desfile enquanto uma multidão de torcedores aclamava os ídolos, em meio a um verdadeiro carnaval.

A empolgação era tão grande que a carreira avançava lentamente, tanto que foi preciso cancelar uma parada na Assembleia Nacional do país pela dificuldade de acessar o edifício.

A chegada da seleção ao arquipélago, que conta com uma população de pouco mais de 500 mil habitantes, também coincidiu com o feriado nacional que celebra a independência de Cabo Verde, ex-colônia portuguesa, ocorrida em 1975.

“Depois dos heróis que lutaram pela nossa independência, agora temos estes heróis: os ‘Tubarões Azuis’”, disse Edmilson Correia, um torcedor de 28 anos, em declarações no aeroporto, onde havia

chegado vestido de azul e carregando a bandeira nacional.

Antes do desfile, o goleiro Vozinha falou com os repórteres e descreveu a campanha da equipe na Copa do Mundo como “magnífica”, embora tenha dito que “ainda não tinha plena consciência da dimensão do feito”.

O desfile terminou na praia de Kebra Kanela, a principal região da orla da cidade, onde a festa continuou em um clima descontraído.

O técnico de Cabo Verde, Bubi-ta, afirmou aos repórteres que a equipe provou que a classificação para a Copa do Mundo “não foi questão de sorte”.

“Mostramos nosso trabalho árduo e nossa resiliência. Estamos deixando os Estados Unidos de cabeça erguida”, disse o treinador, com orgulho.

Os gritos dos torcedores pediam a atenção de vários jogadores da equipe, especialmente a Vozinha e Sidny Lopes Cabral. Ivan Gonçalves, um menino de 12 anos, queria ver Cabral de perto pelo “golaço contra a Argentina”.

“Grande nação”

Em nível institucional, o Ministério da Cultura e do Esporte do país,

Jose Correia/AFP



Verdadeiro carnaval tomou conta das ruas, em dia em que também se celebrou a independência do país

Antônio Duarte, elogiou a equipe por “consolidar o status de Cabo Verde como uma grande nação”.

O presidente da Federação Cabo-Verdiana de Futebol, Mário Semedo, previu que o excelente desempenho da equipe na Copa

do Mundo levará a expectativas mais elevadas no futuro. “Os desafios serão, sem dúvida, maiores agora. Estaremos motivados e à altura da tarefa”, afirmou.

A derrota por 3 x 2 na prorrogação para a Argentina na fase de

16-avos de final, jogo disputado na madrugada de sábado no horário local de Cabo Verde, foi celebrada em Praia, em homenagem ao desempenho excepcional da equipe na Copa do Mundo na primeira participação no torneio.

DRIBLE DE CORPO NA COPA



Marcos Paulo Lima

Noruega tem o que falta ao Brasil

Nova Jersey — O Brasil está eliminado da Copa do Mundo pela sexta edição consecutiva. Depois da França (2006), da Holanda (2010), da Alemanha (2014), da Bélgica (2018) e da Croácia (2022), a Noruega é o carrasco da vez. Erling Haaland foi a diferença exata do que faltou ao Brasil. Qualidade na finalização. Bruno Guimarães perdeu pênalti. Endrick falhou na cara do gol depois de um lançamento preciso de Vinicius Junior no segundo tempo. Quando Neymar converteu o pênalti no último ato dele em quatro mundiais, era tarde demais.

Haaland precisou de praticamente duas bolas para ensinar como Romário e Ronaldo faziam. Na primeira, venceu o duelo com Gabriel Magalhães pelo alto e cabeceou firme. Indefensável para o goleiro Alisson. Por incrível que pareça, ele fazia a melhor partida pessoal em Copas. Protagonizou pelo menos duas defesas difíceis em finalizações dos vikings. Mas era Nyland quem ganhava moral.

O goleiro da Noruega colecionava defesas. Salvava até fogo amigo. Evitou gol contra de cobertura com a ponta dos dedos e ainda contou com a ajuda da companheira trave. Casemiro teve uma outra oportunidade ao invadir a área pela esquerda da grande área. Em vez de chutar, cruzou errado.

O Brasil não caía nas oitavas de final desde a Copa de 1990, quando perdeu por 1 x 0 para a Argentina em Turim, na Itália. Aquele passe de Diego Maradona para Caniggia. Sebastião Lazaroni era o técnico daquele fracasso igualado por Carlo Ancelotti, o primeiro treinador estrangeiro em 23 participações do Brasil na Copa do Mundo. Pior do que isso somente a queda na fase de grupos da Copa de 1966 sob a batuta de Vicente Feola, campeão em 1958.

A eliminação do Brasil pune o pior ciclo da história da Seleção. Depois do fim da Era Tite, passaram pelo cargo Ramon Menezes, Fernando Diniz, Dorival Júnior e Carlo Ancelotti. O italiano tentou resolver a toque de caixa como Luiz Felipe Scolari em situação semelhante na campanha do penta, em 2002, mas não conseguiu. Felipão tinha Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho, Rivaldo, Cafu, Roberto Carlos... Ancelotti tinha um bando de sobrinhos de Neymar. Dependentes do tio.

Na tentativa de acertar, errou escolhas na estreia contra Marrocos. Ajustou o time contra os frágeis Haiti e Escócia. Virou contra o Japão. Mas a Noruega não se intimidou. Teve a posse de bola, encurralou o Brasil em diversos trechos do jogo. Quando a Seleção teve o contra-ataque, foi castigado pelo impecável Haaland. A Noruega venceu porque tem o que o Brasil deixou de formar: camisas 9 como Haaland e um 10 controlador de jogo como Odegaard.

A Noruega encerra uma geração enganosa do Brasil. Neymar, Danilo, Alessandro, Casemiro e outros que ficaram pelo caminho surgiram conquistando o Sul-Americano Sub-20 no Peru e a Copa do Mundo da categoria na Colômbia, ambas em 2011. Disputaram quatro Copas e não realizaram o sonho do hexa. O legado de Neymar é o ouro no Rio-2016 e a Copa das Confederações em 2013. Pouco para quem não ganhou sequer a Copa América em 2019. Para variar, estava lesionado.